**A Missão no contexto urbano**

O Concílio Vaticano II marca uma transformação profunda na compreensão missionária da Igreja. Mudou os pressupostos fundamentais que orientavam as atividades missionárias, no passado da Igreja por muitos séculos. ***Ad Gentes*** vai recuperar quatro conceitos fundamentais para atividade missionária da Igreja: a realidade, a comunidade, a Palavra de Deus e o Espírito Santo. Dessa nova concepção a Igreja vai orientar sua missão como algo vital, próprio de sua essência, que deriva da própria Santíssima Trindade e continua a obra de Jesus, em vista da construção do reino de Deus. Assim define *Ad Gentes*: *¨A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo (6). Este desígnio brota do «amor fontal», isto é, da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também «tudo em todas as coisas» (1 Cor. 15,28), conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade. (AG 2).*

A missão projeta a Igreja a frente de si mesma, da cultura, da vida das pessoas, convidando a cruzar fronteiras, porque considera a realidade que se destina, tendo a comunidade como agente, a Palavra de Deus como conteúdo e a ação carismática que o Espirito suscita, como dinâmica. Entendido em seu contexto histórico o documento *Ad Gentes* do concílio é um avanço profundo quando convida “*olhar a realidade com mais humildade, sabendo que é maior e complexa que as simplificações com que costumávamos ver no passado no muito distante”* (DA 36). A nova eclesiologia da Igreja como Povo de Deus resgata a ideia de povo peregrino, estrangeiro.

O caminho aberto pelo concílio gerou um desenvolvimento profícuo que vai estar reflexo nos documentos do Magistério posterior. Paulo VI tem um documento paradigmático que é *Evangelli Nuntiandi*, que diz que ¨*é um processo complexo, global e dinâmico através da qual a Igreja pela forca divina da mensagem que proclama, trata de converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles estão comprometidos, sua vida e ambientes concretos¨* (N18).

Outra contribuição importante para missiologia é o documento do Papa Joao Paulo II ***Redemptoris Missio***. O Papa João Paulo entendia que era imprescindível que a Igreja promovesse um grande empenho para tornar Cristo conhecido por uma grande parte da humanidade que nunca recebeu o ***Kerigma*** e que, especialmente na Europa, se realizasse um processo de ***Nova Evangelização***. ¨*O número dos que ainda não conhecem a Cristo nem formam parte da Igreja aumenta constantemente; Mais ainda, desde o final do Concílio, quase foi duplicado. Para essa humanidade imensa, tão amada pelo Pai que ela enviou a seu próprio filho, é patente a urgência da missão¨* (RM 3).

 A ideia da Nova Evangelização foi muito perseguida pelo Papa João Paulo II e Bento XVI. Desde do Sínodo dos bispos em 1984, conferencia de Santo Domingo 1992 e no Projeto *Novo Millennio Ineunte*, foi um eixo condutor.

Mas é em **Aparecida** e ***Evangelli Gaudium*** de Papa Francisco que vamos encontrar os referenciais mais atuais para a identidade missionária da Igreja, e de seus princípios e desafios.

Esses dois documentos vão considerar os valores construídos no Magistério desde do Decreto conciliar *Ad Gentes*, no contexto da abertura a modernidade e vão atualiza-lo diante dos novos desafios da pós-modernidade. Aparecida vai ser categórica em afirmar que é a força do testemunho a ferramenta mais eficaz na missão: “*Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, senão pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte a vida e, com ele, uma orientação decisiva*” (DA, 243).

 Ao definir que todos os batizados devem ser discípulos missionários de Jesus Cristo Aparecida apresenta essa nova eclesiologia do Povo de Deus, onde toda a Igreja é missionária em sua identidade. Que a missão não é uma faculdade ou uma atividade eventual, ou de alguns poucos membros da Igreja. Também reforça a prioridade da missão, segundo a opção de Jesus pelos mais pobres, superando um prejuízo antigo na concepção da missão voltada a um território. Aparecida vai ressaltar que os pobres são interlocutores privilegiados da missão da Igreja, pois neles servimos a Cristo e encontramos a Ele, falando dos novos rostos dos pobres: ¨*os rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, sem-teto e refugiados, vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, desaparecidos, enfermos de VIH e de doenças endémicas, toxicodependentes, idosos , meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou de trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades especiais... os indígenas e afro-americanos, campesinos sem-terra e os mineiros” (DA 4*02).

O Papa Francisco deu um impulso decisivo para que a Igreja possa ser toda missionária, tanto por seus escritos, quanto por sua atuação e testemunho sinaliza a urgência da Igreja por esse em caminho para ser fiel a Jesus. Ele tem tido a coragem de dizer o que em *Aparecida* já havia sido dito, de que muitas estruturas da Igreja estão caducas, e que gastamos muito tempo e energia numa pastoral de conservação. Que precisamos ser uma Igreja dos pobres para os pobres e não auto referencial, fazer missão não é ato de autopreservação, mas de fidelidade ao Evangelho. Ele diz em *Evangelii Gaudium:* *¨Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionando mais a evangelização do mundo atual que a autopreservação¨* (EG27). O Papa entende que a missão pode transformar a Igreja, a luz do Espírito para que ela possa anunciar o Evangelho no mundo de hoje, numa linguagem que toquem os homens e mulheres do nosso tempo.

**Imperativos, obstáculos e desafios da missão no ambiente urbano**

 O fenômeno urbano é uma realidade que se impõem sobre qualquer elaboração teórica que se proponham a dialogar e apresentar um conteúdo aos homens e mulheres do hoje. Considerar a complexidade da realidade urbana, as novas formas de relacionar-se, trabalhar, se divertir, consumir, conviver e até viver a fé das pessoas hoje é um requisito fundamental. Também sobram estudos apontam que nossas principais atividades missionárias e estruturas pastorais tem como pressuposto a realidade rural. Essa constatação se confirma quando adotamos um instrumento de avalição de nossas ações e verificamos que alcançamos cada vez menos resultados, atingindo cada vez menos pessoas em nossa pastoral. Com essa concepção da missão da Igreja construída desde o concílio até o recente magistério do Papa Francisco apontaremos os imperativos, obstáculos e desafios para a missão da Igreja no mundo de hoje.

**Uma Igreja em Saída:** *A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe «envolver-se». Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» Jo 13, 17* (EG24).

**Obstáculos:** A Igreja tornou-se auto referencial, o institucional sobrepôs o carisma. Por isso, tantas as vezes na história, e até nos dias de hoje, se concebeu a missão como uma ação de proselitismo, de ganhar adeptos, aumentar os territórios levando a instituição, sacramentalizar. Ser cristão perdeu a dimensão carismática e criativa, para passar a ser a observâncias de normas morais e rituais. A catequese esvaziou-se do sentido de iniciação e mistagogia, para simplesmente preparação sacramental. A Palavra de Deus ficou num segundo plano em relação a doutrina. A pastoral de conservação é atividade ordinária.

**Desafios:** Centralidade do Reino de Deus no *kerigma*. Estruturas mais simples e funcionais dentro da realidade de hoje. Processos de iniciação cristã, catequese mistagógica, centralidade da Palavra de Deus como fonte de todo serviço pastoral.

**Uma Igreja em Permanente estado de missão:** O Documento de Aparecida, quando reconhece e reafirma o “despertar missionário” da Igreja na América Latina e no Caribe, convoca todos os seus membros a se colocarem em estado permanente de missão (DA 551). Esta convocação nos impele a sair de um marasmo eclesial que leva a um cansaço e estagnação da ação pastoral e a reassumirmos o espírito renovador do Vaticano II, em um permanente diálogo com as diversas culturas, com a sociedade e com o cotidiano das pessoas, nos comprometendo em favor da vida em todos os seus âmbitos (Jo 10,10). Assim conclama o Papa Francisco “Não nos deixem roubar o entusiasmo missionário! ” (EG 80).

**Obstáculos:** Muitas vezes a ideia de missão foi entendida como uma ação, um programa uma atividade e, ainda, como algo extraordinário a vida da Igreja, atividade de um grupo selecionado ou preparado exclusivamente para esse fim, essencialmente clérigos e religiosos. Essa concepção cristalizada por muito tempo na Igreja e presente até os dias de hoje, estagnou a Igreja e desmobilizou os leigos.

**Cultura do encontro:** A cultura do encontro é, segundo o Papa Francisco, avessa ao “assédio espiritual”. A paciência de escutar e servir é mais importante do que a fala normativa e imperativa daquele que quer que o outro assuma suas convicções. Qual é a finalidade e quem é o destinatário desse encontro? O papa responde: a carência daquele que tem a maior necessidade “multiplica a capacidade de amar”. Além da gratuidade do amor, a cultura do encontro aponta também para a racionalidade da verdade. Nosso “ir ao encontro” é a atitude de deixar Deus, através de nós, “atrair” os fugitivos de sua bondade e verdade. No encontro, em 29 de agosto de 2013, com jovens da diocese italiana de Piacenza-Bobbio, o Papa Francisco deu também à verdade essa dimensão do encontro: “A gente não tem a verdade, não a carregamos conosco, mas a gente vai ao seu encontro. É o encontro com a verdade, que é Deus, mas precisamos procurá-la”, às vezes jogada na lama (EG 49).

**Obstáculo:** Vivemos numa cultura onde o individualismo, o egoísmo, o pragmatismo e consumismo são valores. Infelizmente muitas vezes nossas estruturas e pastorais e práticas reforçam esses contra valores. Uma estrutura de culto que não forma comunidade, uma espiritualidade descontextualizada, intimismo e sacramentos oferecidos como produtos tornam a Igreja mais opção de mercado do que uma comunidade de fé. Nossas paróquias muitas vezes massificam as pessoas, tornando os membros uma multidão de anônimos.

**Desafios**: um grande desafio é promover essa cultura do encontro, que é encontro de irmãos e, ao mesmo tempo, com Cristo. Nossas paróquias devem deixar lugares de oferecer serviços religiosos e se transformarem em estruturas que promovam a cultura do encontro e formem comunidades. Pela cultura do encontro promover a criação de pequenas comunidades que vivam em torno da Palavra, da liturgia e da caridade. Que nossas paróquias promovam o encontro onde cada pessoa seja acolhida e reconhecida.

**Conclusão**

Assim a missão da Igreja pensada na nova realidade social, onde mais de 80% da população vive nas cidades e mesmo na zona rural as pessoas são influenciadas pelo fenômeno urbano é imprescindível repensar nossos pressupostos, métodos, linguagens e atitude missionária. A missão deve ser entendida como identidade cristã missão de todos os batizados. Não como uma atividade, mas como uma atitude. Considerar a realidade das pessoas e da complexidade da cidade é fundamental para que possamos promover uma verdadeira cultura do encontro, que será uma resposta positiva aos desafios dos contra valores da cultura pós-moderna. Dom Helder sempre dizia: ¨é necessário mudar sempre, para seguir sendo sempre a mesma Igreja de Cristo¨. É necessário liberdade, ousadia e criatividade para superar a pastoral de conservação, libertando-se de estruturas caducas que já não respondem as exigências do nosso tempo. Precisamos de evangelizadores de espirito que anunciem a boa notícia do Reino de Deus. É necessário como nos diz o Papa Francisco que a Igreja testemunhe no munda a alegria do Evangelho.

**Fábio Antunes do Nascimento**

**Referencias**

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html>

<http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>

<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html>

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>

<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/pastoral-e-comunicacao/comunidade-de-comunidades-evangelizacao-e-cultura-do-encontro-impulsos-para-uma-agenda-pastoral/>

<http://www.vidapastoral.com.br/sem-categoria/deus-na-cidade/>

<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/desafios-da-igreja-na-cidade-atual/>

CELAM. Documento de Aparecida. 2007